



SER E TORNAR-SE PROFESSOR/A NAS TRAVESSIAS DE ILHA GRANDE-PIAUI (1960-1996)

BEING AND BECOMING A TEACHER IN THE CROSSINGS OF ILHA GRANDE-PIAUI (1960-1996)

SER Y CONVERTIRSE EN PROFESOR/A EN LAS TRAVESIAS DE ILHA GRANDE-PIAUI (1960-1996)

*José Marcelo Costa dos Santos**
*Maria do Amparo Borges Ferro***

RESUMO

O presente estudo tem como objeto de análise a memória de formação dos professores ribeirinhos de Ilha Grande-PI, no Delta do Rio Parnaíba, no período de 1960 a 1996. O objetivo foi interpretar a memória de formação dos professores ribeirinhos de Ilha Grande-PI como experiência social reveladora de aspectos de uma prática pedagógica docente significativa e transformadora. A presente tese se desenvolveu mediante uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa, no campo da História da Educação, com enfoque no Piauí, contemplando o ramo dos Estudos Culturais, mediante a metodologia de História Oral, tendo como colaboradores onze professores aposentados. Os instrumentos de coleta de dados foram os relatos produzidos pelos participantes, colhidos mediante o desenvolvimento da técnica de produção de relatos de história oral de vida e a análise de documentos e fontes iconográficas. A base teórica contemplou, dentre outros: Barros (2017), Certeau (2000), Halbwachs (2006), Meihy (2005), Franco (2016; 2015) e Pimenta (2005). A pesquisa apontou que a prática desenvolvida por esses docentes influenciou na mudança de aspectos de suas vidas, tornando-se significativa e transformadora, no que diz respeito à experiência social, crescimento profissional e melhoria da qualidade de vida nos povoados do Delta do Rio Parnaíba, nas extensões de Ilha Grande-PI.

Palavras-chave: Ilha Grande. Memória de Formação. Prática Pedagógica Docente. Professores Ribeirinhos. Transformação.

ABSTRACT

The present study has as object of analysis the memory of training of riverside teachers of Ilha Grande-PI, in the Delta of the Parnaíba River, in the period from 1960 to 1996. The objective was to interpret the training memory of the riverside teachers of Ilha Grande-PI as a social experience revealing aspects of a significant and transformative teaching pedagogical practice. The present thesis was developed through a historical research, with a qualitative approach, in the field of The History of Education, focusing on Piauí, contemplating the field of Cultural Studies, through the methodology of Oral History, having as collaborators eleven retired teachers. The data collection instruments were the reports produced by the participants, collected through the development of the technique of production of oral life history reports and the analysis of documents and iconographic sources. The theoretical basis included, among others: Barros (2017), Certeau (2000), Halbwachs (2006), Meihy (2005), Franco (2016; 2015) and Pimenta (2005). The research pointed out that the practice developed by these teachers influenced the change of aspects of their lives, becoming significant and transformative, with regard to social experience, professional growth and improvement of quality of life in the villages of the Parnaíba River Delta, in the extensions of Ilha Grande-PI.

Keywords: Ilha Grande. Training Memory. Teaching Pedagogical Practice. Riverside Teachers. Transformation.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objeto de análisis la memoria de formación de maestros ribereños de Ilha Grande-PI, en el Delta del Río Parnaíba, en el período de 1960 a 1996. El objetivo fue interpretar la memoria formativa de los profesores ribereños de Ilha Grande-PI como una experiencia social reveladora de aspectos de una práctica pedagógica docente significativa y transformadora. La presente tesis se desarrolló a través de una investigación histórica, con un enfoque cualitativo, en el campo de La Historia de la Educación, centrándose en Piauí, contemplando el campo de los Estudios Culturales, a través de la metodología de la Historia Oral, teniendo como colaboradores a once docentes jubilados. Los instrumentos de recolección de datos fueron los informes producidos por los participantes, recolectados a través del desarrollo de la técnica de producción de informes de historia de vida oral y el análisis de documentos y fuentes iconográficas. La base teórica incluyó, entre otros: Barros (2017), Certeau (2000), Halbwachs (2006), Meihy (2005), Franco (2016; 2015) e Pimenta (2005) y Pimenta (2005). La investigación señaló que la práctica desarrollada por estos docentes influyó en el cambio de aspectos de sus vidas, volviéndose significativa y transformadora, en cuanto a la experiencia social, el crecimiento profesional y la mejora de la calidad de vida en las aldeas del Delta del Río Parnaíba, en las extensiones de Ilha Grande-PI.

Palabras-clave: Ilha Grande. Memoria de entrenamiento. Práctica Pedagógica Docente. Maestros de Riverside. Transformación.

* Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisador do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME/UFPI).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5612-5601>
E-mail: celloilha5@gmail.com

** Professora Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Departamento de Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME/UFPI).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1584-7007>
E-mail: amparobferro@gmail.com

1 ZARPANDO EM TRAVESSIAS

O presente texto é uma compilação de uma tese de doutoramento que tem como objeto de análise a memória de formação de professores ribeirinhos de Ilha Grande, no Delta do Rio Parnaíba, Estado do Piauí, no período de 1960 a 1996, que corresponde ao período do magistério dos colaboradores.

O estudo justifica-se e faz-se necessário, dentre outras questões, porque revela importantes aspectos da História da Educação, com ênfase em tópicos sobre o Piauí, com especificidade às comunidades tradicionais do território do Delta do Rio Parnaíba, nas décadas finais do século XX.

Já dizia Freire (1999, p. 33): “Todo amanhã se cria num ontem, através do hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”. Assim, é preciso compreender a história para construir aportes sobre história da educação.

É necessário que se conheça o passado, buscando a compreensão dos fatos que formam a história, todavia, não como lembrança saudosa de um tempo ou de um grupo de pessoas, mas como proposta de entendimento do presente, considerando que “pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente” (ARANHA, 2006, p. 19).

Esta pesquisa permitiu a reconstituição de um passado histórico, de possíveis interpretações de como memórias de formação foram construídas e o que representam, considerando os processos de escolarização nas comunidades de Morros da Mariana e localidades do entorno, territórios da atual cidade de Ilha Grande-PI.

A pesquisa oportunizou ainda, que os professores ribeirinhos, reclusos em seu anonimato, tivessem vez e voz, ajudando a escrever a história da educação ilhagrandense, da qual foram navegadores em tantos momentos de travessias, correntezas e turbulências que, rio acima rio abaixo, possibilitaram transformação de aspectos de vidas.

O estudo proposto visou à ratificação da tese de que a memória de formação se constituiu como correntezas na experiência social dos professores de Ilha Grande, revelando aspectos de uma prática pedagógica docente que produziu sentido e transformou aspectos de vidas nas travessias do magistério, oportunizando mudanças pessoais, profissionais, culturais, sociais e econômicas nos povoados do Delta do Rio Parnaíba.

Buscou-se o entendimento do seguinte problema de pesquisa: De que maneira a memória de formação se constituiu como correntezas na experiência social dos professores de Ilha Grande do Piauí, revelando aspectos de uma prática pedagógica docente que se tornou significativa e transformadora?

A problemática em questão abrangeu algumas questões norteadoras possíveis, a saber: Quais aspectos de História da Educação do Brasil e do Piauí podem ser relacionados com a memória de formação dos professores de Ilha Grande do Piauí? De que forma as experiências de formação na docência se constituíram como correntezas na experiência social dos docentes ilhagrandenses? Como se deu o processo de ser e tornar-se professor/a ribeirinho/a, considerando o período de 1960 a 1996? Como a prática pedagógica docente desenvolvida por esses professores tornou-se transformadora em suas trajetórias de vida?

O objetivo geral foi interpretar a memória de formação dos professores ribeirinhos de Ilha Grande do Piauí como experiência social reveladora de aspectos de uma prática pedagógica docente significativa e transformadora. Especificamente, buscou-se: relacionar a memória de formação dos professores de Ilha Grande com aspectos da História da Educação do Brasil e do Piauí; analisar de que forma as experiências de formação na docência se constituíram como processo de produção de sentido e transformação para os professores ilhagrandenses; caracterizar como se deu o processo de ser e tornar-se professor/a ribeirinho/a, considerando o período de 1960 a 1996; mostrar como a prática pedagógica docente desenvolvida por esses professores tornou-se significativa e transformadora.

O presente artigo apresenta uma compilação dos principais aspectos da pesquisa em questão, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, na linha “Formação Docente e Prática Educativa”, no período de 2018 a 2020. Trata-se de uma síntese que oportuniza ao leitor uma visão panorâmica deste estudo, que relaciona teoria e contexto empírico em atmosfera de subjetividades poéticas.

2 TRAVESSIAS NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A tese partiu do conceito de educação dos pesquisadores, que se amparam nos estudos de Brandão (2007). Entende-se a educação como um processo de construção social que se baseia em ações e procedimentos que englobam pessoas, lugares, instituições, práticas e pedagogias, possibilitando formas de ensino e de aprendizagem, considerando situações em que é possível aprender e ensinar.

A análise desenvolvida compreendeu travessias na pesquisa em História da Educação, na delimitação da Historiografia da Educação Piauiense, na invasão das tramas e teias da memória coletiva dos professores ribeirinhos do Delta do Rio Parnaíba – abrangência das comunidades tradicionais de Ilha Grande.

Entende-se que não é possível desenvolver pesquisa sem estar atento ao universo epistêmico e metodológico que a norteia. Não se pode tornar-se pesquisador, simplesmente, por se ter em mãos a tarefa de escrever um artigo, uma monografia, uma dissertação, uma tese, por exemplo. A formação do pesquisador vai muito além da simples prática acadêmica de produzir, insere-se no âmago do próprio ser do pesquisador, adentrando sua vida, sua cultura, sua forma de ver, compreender e interpretar os fenômenos à sua volta.

Não se limita a cumprir um cronograma, pensando em executar rapidamente as etapas para chegar ao final e encerrar a proposta como se o produzido fosse o todo, o acabado. Ao contrário disso, deve-se sentir e viver as etapas da trajetória para que se possa, realmente, tornar-se pesquisador, sentindo os percalços e as bonanças da construção do saber em constante movimento, em travessias, tendo em vista que:

Um saber que só vê a sua finalização não consegue perceber que tudo o que se quer do final está justamente no meio do caminho. A ilusão na construção da chegada cega para travessia impede a percepção de tudo aquilo que comporta a riqueza de permanecer buscando. [...] A construção da trajetória investigativa é interessante justamente porque é um trajeto em construção permanente (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 09).

A pesquisa é um rio que não cessa, não para, assim como é a vida de um pesquisador, como são as construções das perspectivas teóricas que sustentam e mantêm vivas as ciências. Vive-se em constantes dinâmicas que se desenham no cerne do que se entende, ou não, sobre a vida, a sociedade, a cultura, a ciência, a educação.

Não há como não se envolver, não é possível o pleno distanciamento, embora o pesquisador deva primar pela produção de conhecimento a partir de metodologias coerentes que proporcionem o melhor tratamento do material, gerindo uma escrita que atenda à demanda acadêmica em torno do objeto que se propõe a analisar.

Neste sentido, a pesquisa em História da Educação não pode ser levada a cabo em simples exercício de produção de dados, adentra-se em visões bem mais profundas, que superam a ideia superficial da estrutura da escola, por exemplo, no sentido de que:

Os historiadores da educação cada vez mais percebem que, para entender os processos de ensino nas diferentes épocas, não basta investigar como a organização da escola se transformou ao longo do tempo. [...] É preciso, em vez disso, captar o dia a dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor-aluno e aluno-aluno, os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e de punição (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 44).

É isso que diferencia os estudos culturais, uma vez que se busca nas especificidades, nos detalhes daquilo que aparentemente não tem relevância para mostrar a importância de sociedades, processos históricos, histórias de vidas de professores, práticas pedagógicas docentes que modificaram trajetórias humanas.

Os estudos no ramo da História Cultural compreendem um processo instigante, uma relação entre diversos segmentos, considerando que “fazer história é uma prática” (CERTEAU, 2000, p. 78) na qual se trabalha com diversas ferramentas, mediante fontes, cientes de que o tempo é um fator primordial e que aquilo que se produz não deve ser objeto de materialização dogmático, impedindo contestação, ou seja, uma teoria tida como total e absoluta.

Ao contrário, Certeau (2000) adverte que o conhecimento produzido em história é verdadeiro até que outro possa superá-lo ou ainda, é verídico à medida que se consideram as fontes que o ratificam, todavia, não se pode negar a possível existência de outras fontes, portanto, de outros pontos de vista sobre determinado objeto. Pontos esses que podem dialogar entre si ou se repelirem, mas que também podem ser pensados no entremeio, já que “a pesquisa está circunscrita pelo lugar que define conexão do possível e do impossível” (CERTEAU, 2000, p.77).

O historiador é um transformador de matéria “bruta” em escritas de história, percorrendo os tempos, interpretando contextos, culturas, documentos, relatos, em óticas diversas, traduzindo-as em linguagens que se materializam na pesquisa, em concordância com a ideia de que “para fazer história, é necessário, antes de mais nada, estar radicalmente disposto a ler, ver, ouvir, e contar o outro” (GALVÃO; LOPES, 2010. p. 12).

Na pesquisa em História da Educação, o campo da História Cultural se constrói como um misto de “igarapés” que correm para várias direções e se bifurcam em um grande rio, formando um manancial em correntezas e dimensões, que Barros (2017, p. 55, grifos do autor) assim classifica:

A História Cultural, campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do século, é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento, por vezes antagônica. [...]ela abre-se a estudos os mais variados, como a ‘cultura popular’, a ‘cultura letrada’, as ‘representações’, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura”.

Pode-se compreender nesta assertiva que as análises no âmbito da História Cultural oportunizam interpretar campos diversos e traçar relações com arcabouços teóricos que antes não poderiam ser concebidos com objetos de pesquisa, o que leva os pesquisadores, que se lançam às travessias nesses igarapés, a se arriscarem e adentrarem em contextos específicos de produção de conhecimento, história.

Barros (2017) caracteriza a História Cultural apontando o seu ecletismo e riqueza de temáticas possíveis de investigações, que possibilitam ao pesquisador inserir-se em esferas sociais, culturais, econômicas, políticas, que eram tidas como antagônicas, mas que nessa visão de epistemologia podem ser relacionadas e produzem entendimentos relevantes, a saber:

A “cultura popular”, a “cultura letrada”, as “representações”, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura”(BARROS, 2017, p. 55, grifos do autor).

Como outro exemplo, pode-se apontar as pesquisas que abarcam a história de vida de moradores de uma comunidade, ou a história de professores que atuam em certos territórios, no sentido de buscar a (re)construção, reconstituição do passado, a partir de fatos e fontes possíveis sobre um povo ou uma instituição, para compreender as multiplicidades que existem e como elas se processam em diferenças e relações.

A História Cultural ganhou fôlego a partir de estudos desenvolvidos no século XX, iniciados por Marc Bloch e Lucien Febvre, através dos *Annales*, tornando-se um importante campo de pesquisa para os novos historiadores. Segundo Burke (2011, p. 33):

Originalmente chamada Annales d'histoire économique et sociale, tendo por modelo os Annales de Géographie de Vidal de laBlache, a revista foi planejada, desde seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história.

Assim, pode ser material de estudo da História Cultural, entendendo-a mediante perspectivas de pesquisa que podem se dar a partir de um olhar sensível sobre questões que vão além do que é considerado história oficial, os processos educativos que se desenvolvem em cenários como os de Ilha Grande-PI.

Com bem disse o poeta Vinícius de Moraes, “a vida é a arte do encontro”, portanto, são esses encontros com pessoas, momentos e tempos que proporcionam as experiências de vida, de ensino, de aprendizagem, de educação e das instituições onde estas se desenvolvem. São narrativas que se tornam material de estudos em História da Educação, vozes que não tiveram seu lugar de fala na história oficial, mas que podem ajudar a compreender momentos importantes de histórias ainda não contadas.

Sendo narrativas que não foram registradas nos cânones, essas histórias estão guardadas nas tramas da memória, revestidas em marcas de experiências, de ações em espaços e de formas de ver e fazer a vida em suas várias dimensões, inclusive na educação. Dependendo do lugar de onde se fala e por que se fala, a noção de educar e educar-se assume olhares diversos, que retratam desde ações formais a atividades fora do ambiente escolar, por isso entender o *lugar social* da análise é atividade deveras importante, uma vez que a pesquisa:

[...] se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2000, p. 66-67).

O *lugar social* se caracteriza como um ou vários contextos em que o estudo se desenvolve, não sendo necessariamente o espaço material, está além disso, visto que é uma dimensão social e cultural que caracteriza o objeto de estudo e as práticas do próprio pesquisador, que o autor acima comparou como as de um operário que realiza a operação a partir de instrumentos, considerando o tratamento de um produto em etapas de temporalidade, ou seja, “a operação historiográfica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita” (CERTEAU, 2000, p. 66).

As epistemologias que constituem o pensamento científico formam o arcabouço do que, na academia, considera-se ciência. São muitas as possibilidades de construir conhecimento, de apontar propostas de pesquisas, tendo como prioridade melhorar, de alguma forma, as condições de vida da sociedade, quer em termos práticos ou em formas de produção de saberes que servem à formação, bem como à educação de um povo.

Trata-se de um encontro entre encontros que tomou proporções de experiência, de produção de conceitos, de invenções, porque a pesquisa em questão emana de um lugar social em que também é possível relacionar o lugar de fala: o Delta do Rio Parnaíba, nas dimensões de Ilha Grande – um lugar que se desenha em inter-relações, abrangendo águas de diferentes correntezas: educação, história, memória e práticas.

Ressalta-se, desta feita, que o conceito de memória, no presente estudo, é considerado, dentre outros, a partir dos postulados de Halbwachs (2006) e Catroga (2001) que a rigor, a compreendem, salvo suas possíveis diferenças conceituais, como um processo privilegiado do ser, não sendo meras lembranças, mas as percepções que podem ajudar a (re)construir, reconstituir o passado de um povo, em diferentes tempos, considerando acontecimentos marcantes que são compartilhados entre uma comunidade, incluindo nesse sentido, a linguagem, a cultura, a educação e a história em si: processos geradores de novas histórias sobre outras histórias.

Neste ensejo, compreendemos a memória, também, como uma relação de interação entre pessoas, objetos, tempos e espaços, que se sucedem e, de alguma forma, marcam a ponto de se tornarem lembranças vivas em no indivíduo, sendo resultados de “encontros” e de suas experiências.

Escrever sobre memória é um processo que requer, dentre outros, um olhar de muita sensibilidade, respeito e dedicação por parte do pesquisador, porque este está envolvido com histórias de vida, de momentos marcantes na vida das pessoas que decidem, por alguma razão, compartilhar eventos de suas vivências em comunidades nas quais há traços de culturas, valores e representações.

Neste ensejo, a base teórica desta tese contemplou, dentre outros: nos construtos sobre pesquisa em História Cultural e Memória, estudos de Chartier (2009; 2007) e Halbwachs (2006); no campo da História do Brasil e do Piauí, postulados de Aranha (2006), Brito (1996), Ferro (2010; 1996) e Villela (2008; 2000); no âmbito da História Oral, Meihy (2005) e Thompson (2002); na esfera sobre formação docente e prática pedagógica docente, aportes de Franco (2016; 2015), Freire (1999; 1996), Nóvoa (1992; 1987), Pimenta (2005), Tardif (2002) e Zabala (1998).

3 TRAVESSIAS METODOLÓGICAS

Como realizar uma travessia em correntezas tendo que enfrentar diferentes encontros d'águas que ora chamam ao abraço, ora põem o pesquisador em advertência da peleja? Foi necessário escolher em que meio navegar, que tipo de canoa deveria-se tripular para evitar o risco de naufragar ou de ter que mudar de embarcação durante a travessia.

No porto da pesquisa em educação, são muitos os meios de passagem passíveis de velejar: há canoas, chalanas, lanchas – barcos de diferentes espécies e sob várias estruturas para sua construção. Foi o momento de olhar com atenção, analisar o material, a resistência, o formato e as condições de travessia para que se chegasse a uma escolha.

Influenciado pelo objeto de pesquisa contemplado neste estudo – memórias de formação – optou-se por uma canoa ampla, fortificada, formada por materiais bastante resistentes. Suas tábuas são formadas por madeiras da Pesquisa Histórica, de Abordagem Qualitativa (MINAYO, 2001), fincadas e unidas pela perspectiva da História Oral (MEIHY, 2005; THOMPSON, 2002), para que a embarcação tivesse força, destreza e resistência diante das muitas correntezas durante as travessias nas águas da memória de formação dos docentes de Ilha Grande-PI.

Contemplando a modalidade de história oral de vida, a presente travessia de estudo se desenvolveu mediante adaptações com as correntezas da técnica de *entrevista de história oral de vida* na qual, segundo Meihy (2005, p. 45), “as perguntas devem ser amplas, sempre apresentadas em grandes blocos, de forma indicativa dos acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado”.

Assim, não se realizou a entrevista propriamente dita, visto que não se tratou do jogo de perguntas e respostas entre entrevistador e entrevistado. Embora se tenha estabelecido alguns comandos, realizado gravações e transcrições, vivenciou-se um processo de afetamentos, em que os pesquisadores tocaram e foram tocados pela força das memórias de formação.

A pesquisa foi desenvolvida mediante as seguintes etapas: a) Construção do Estado da Arte e Fundamentação Teórica; b) Revisão e cadastro do Projeto no Conselho de Ética; c) Identificação dos colaboradores; d) Envio de carta-convite aos colaboradores; e) Visita de apresentação do projeto aos colaboradores; f) Aplicação da técnica de relato de história oral de vida; g) Audição, transcrição e textualização do material dos relatos; h) Envio das transcrições para aprovação dos colaboradores; i) Construção de categorias de análise; j) Tratamento e análise dos dados; k) Produção do relatório de pesquisa; e l) Socialização do relatório ao nível de tese de doutoramento.

A relação destes estágios oportunizou a experiência de uma travessia de pesquisa sentida e que se fez sentir nos colaboradores. Cada etapa foi uma oportunidade de experienciar emoções, sentimentos, achados, descobertas que fizeram os pesquisadores pensar e repensar o objeto e a proposta de estudo.

As categorias de análise construídas foram: I – Memória e História da educação em Ilha Grande-PI; II – Memória de formação dos professores ribeirinhos; III – Memória de práticas pedagógicas docentes no Delta do Rio Parnaíba. Cada categoria foi pensada com base no objeto investigado e se amparou em construtos teóricos aliados às contribuições dos professores colaboradores, bem como das demais fontes utilizadas ao longo do estudo, o que permitiu uma escrita em linguagem mista, entre elementos verbais e não-verbais, os quais caracterizaram a possível ratificação da tese.

Os colaboradores foram onze professores, selecionados em observância a três critérios: 1) Ser morador/a de Ilha Grande-PI, ter residido nesse território durante os processos de escolarização inicial e possuir algum vínculo com as práticas formativas em comunidades ribeirinhas no Delta do Rio Parnaíba; 2) Ter sido aluno/a e ter atuado como professor/a nas comunidades de Ilha Grande, no período de 1960 a 1996; 3) Estar em regime de aposentadoria no magistério de Educação Básica.

Trata-se de ribeirinhos alfabetizados por professores leigos, em casas-escolas e/ou grupos escolares; moradores que na infância passaram por muitas dificuldades para estudar: no período das chuvas atravessavam lagoas, riachos e igarapés, às vezes com os livros e cadernos sobre as cabeças para chegarem ao outro lado das margens e seguir para escolas dos povoados da região ou para as instituições de ensino em Parnaíba.

Passaram por perdas familiares, sentiram na pele a dificuldade de sobreviver nas ilhas do Delta. Alguns começaram a trabalhar muito cedo, em atividades da agricultura ou em serviços do lar em casas de particulares para ajudar nas despesas da família e para conseguir estudar. Oito deles iniciaram a carreira no magistério como professores leigos, três já eram formados pela Escola Normal; vários atuaram em casas-escolas, em alguns casos as mesmas onde outrora foram alfabetizados. Atualmente, encontram-se em idade entre 52 e 80 anos.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRAVESSIAS

A escrita desta tese dar-se em forma de travessias, por meio das quais se navegou em diferentes correntezas, almejando chegar ao(s) porto(s) desejado(s). Nessa conjuntura, e para melhor situar o leitor, apresentam-se algumas considerações sobre a pesquisa, a partir de suas seções principais.

A seção *“Travessias na história da educação de Ilha Grande-Piauí: os desbravadores do ensino atravessam as primeiras correntezas”*, é composta da análise da primeira categoria de dados, na qual se discute aportes sobre a educação brasileira, aspectos históricos da educação no Piauí e a gênese da educação em Ilha Grande.

Tendo como base teórica, dentre outros, os estudos de Aranha (2006), Brito (1996) e Ferro (2010; 1996), constrói-se uma discussão sobre as travessias históricas na educação, enfatizando como se deu o processo formativo dos ribeirinhos pioneiros das comunidades de Ilha Grande, nas décadas de 1960 a 1990.

Os onze colaboradores relataram como foram seus primeiros estudos nas casas-escolas dos povoados, ensinados por leigos, sem nenhuma estrutura, sequer uma escola construída. Entretanto, são cientes que a instrução primeira que tiveram foi o caminho para buscarem mais formação e mudar de vida.

Com o título de *“Nas correntezas do magistério: travessias formativas dos professores ribeirinhos de Ilha Grande-Piauí”*, essa seção analisa a segunda categoria da tese, referenciando a formação de professores no Brasil e no Piauí, com vista a mostrar o ciclo formativo dos docentes que atuaram em povoados deltaicos, nos seguintes eixos: 1. Formação dos professores ribeirinhos; 2. Projeto Logos; 3. Escola Normal; 4. Aspectos políticos e pedagógicos da formação docente.

Teceu-se uma discussão, amparada em autores como Nóvoa (1992; 1987), Pimenta (2005) e Villela (2008; 2000), sobre como se foram as travessias formativas dos colaboradores do estudo, no tocante ao ensino normal e/ou pedagógico no Piauí. Vale ressaltar que alguns dos participantes iniciaram seu magistério antes dos 18 anos, como professores leigos, outros foram contratados após a formação pedagógica.

A pesquisa conseguiu identificar três gerações de professores leigos que atuaram na região de Ilha Grande, no período delimitado no estudo, sendo que uma geração foi formadora da outra, ou seja, os novos leigos eram alunos dos leigos pioneiros. A mudança na formação desses docentes e, conseqüentemente, em suas práticas se deu a partir de formação estabelecida pela Lei da Educação, de 1971, que previa formação de nível médio para a docência primária.

Os participantes do estudo, cinco leigos cursaram magistério pelo Projeto Logos I e II, uma política formativa implantada no Brasil na década de 1970, com vista a diminuir o número de leigos no país. Os demais colaboradores tiveram formação pela Escola Normal Francisco Correia, na cidade de Parnaíba-PI, onde concluíram o Curso de Habilitação do Ensino Médio para o exercício do magistério de 1ª a 4ª série, no início da década de 1980.

A última seção, intitulada *“Educação que transforma: travessias e práticas dos professores de Ilha Grande-Piauí”*, traz a análise da terceira categoria, relativa à prática pedagógica docente desses professores nas comunidades do Delta do Rio Parnaíba, em termos: 1. Conceito de educação; 2. Prática educativa e prática pedagógica docente; 3. Prática dos professores ribeirinhos; 4. Desafios, dificuldades, alegrias e significados da docência.

Apresentam-se aspectos sobre como ser e construir-se professor/a nos povoados deltaicos, no final do século XX, a partir de uma discussão sobre prática educativa e prática pedagógica docente, tendo como referenciais teóricos autores como Franco (2016; 2015), Freire (1999; 1996), Nóvoa (1992; 1987), Pimenta (2005), Tardif (2002) e Zabala (1998).

Os colaboradores teceram relatos sobre as muitas dificuldades que tinham como: falta de estrutura e de escolas, falta de material escolar para os alunos, salários atrasados e defasados, crianças que padeciam de doenças causadas por vermes e parasitas em virtude da condição de pobreza extrema em que viviam, etc.

As leituras desenvolvidas para a produção desta tese instigaram o pesquisador a pensar, com maior profundidade, a temática em questão levando a problemática para uma análise mais densa, que permitiu interpretar formas e pedagogias de ensino que foram responsáveis por mudanças de realidades.

Mediante a análise dos relatos, percebe-se que a prática pedagógica docente dos professores ribeirinhos ajudou a transformar suas vidas, dando-lhes reconhecimento social, realização pessoal e ascensão profissional e, ainda, permitiu que muitos ilhagrandenses mudassem aspectos de suas travessias por intermédio dessas práticas

A *colaboradora 01* conseguiu aprovação em concursos, fez carreira e tornou-se uma profissional admirada e respeitada na cidade; a *colaboradora 02*, mesmo não querendo a profissão de início, viveu a sua metamorfose ao perceber a boniteza do magistério, o que lhe trouxe apreço e prazer pela docência; o *colaborador 03* conquistou o seu espaço na educação ribeirinha, alfabetizou, formou, mudou de vida, tendo influenciado na formação de outros professores, inclusive nas travessias das suas filhas, que escolheram o magistério como profissão.

A *colaboradora 04* tornou-se uma admirada professora alfabetizadora, referência de profissional e de pessoa para muitos ilhagrandenses; o *colaborador 05* é uma biblioteca viva, dotado de conhecimentos sobre a história e a memória da educação daquele povo; a *colaboradora 06* construiu um verdadeiro legado de amor e alegria pela educação, conquistando o afeto e o respeito da comunidade; a *colaboradora 07*, pioneira na educação ribeirinha, formou muitas gerações e influenciou na escolha de outros professores pela profissão do magistério.

A *colaboradora 08*, a ribeirinha que sonhou ser professora, conseguiu vencer suas travessias, sendo responsável pela alfabetização de várias gerações de ilhagrandenses, sente-se honrada em ter exercido esse ofício; já a *colaboradora 09*, com mãos firmes e fortes, ajudou a escrever a história da educação de Ilha Grande do Piauí, conquistando respeito e reconhecimento.

A *colaboradora 10*, por sua vez, guerreira do Delta do Parnaíba, soube direcionar suas travessias e venceu as correntezas, o que lhe trouxe orgulho e satisfação; e, finalmente, a *colaboradora 11* que, à luz de lamparina escreveu sua história na educação ribeirinha, soube vivenciar o magistério em suas correntezas de alegrias e agruras, prazeres e desafios.

Os onze colaboradores tiveram um expressivo processo de transformação e por meio deste possibilitaram a mudança nas comunidades onde atuaram. Orgulhosos e felizes pelo trabalho que desenvolveram, sentiram-se honrados pela oportunidade de participar desse estudo e reconheceram a importância e a relevância dessa pesquisa, como se pode verificar em fragmentos de seus relatos:

Colaboradora 01: Acho importante, porque vai resgatar valores lá do princípio. E vejo com uma valorização do profissional porque, às vezes, o professor não é lembrado, então isso é algo importante!

Colaboradora 02: Nossa, eu acho esta pesquisa importante demais, não apenas para nós, mas para os governantes, para o povo da Ilha Grande, para entenderem como foi a educação, aprender a valorizar mais.

Colaborador 03: Toda pesquisa é importante, porque sem a pesquisa não existe a qualidade da educação. Um país que não tem pesquisa não tem progresso! Muitas coisas só existem por causa da pesquisa, a pesquisa melhora a educação. Esta pesquisa tem uma grande importância, porque vai mostrar como era a educação e o que mudou ao longo dos anos.

Colaborador 04: Não tenho palavras, eu fico tão feliz, me sinto honrada por contribuir, por ter sido a primeira professora do pesquisador e ser amiga [...]. Eu fico muito feliz por ver a realização deste sonho. É gratificante, a gente vai ajudar outras pessoas, é muito bom, é maravilhoso. Fico feliz, eu me sinto felicíssima, plena, por poder contribuir com esse trabalho, poder contribuir para outras pessoas.

Colaborador 05: Eu acho importante este estudo, fico feliz porque o pesquisador foi meu aluno. [...] Eu conheço a história da educação daqui da Ilha Grande desde os primórdios, então gosto de ajudar os pesquisadores. Isso é importante para a história do município.

Colaboradora 06: Eu me sinto honrada, porque ninguém contou isso, as pessoas parecem que esquecem! Isso é importante porque vai ficar registrado em documento para meus netos, meus bisnetos e os das minhas colegas. As crianças da nossa cidade vão saber o que aconteceu, de onde começou, os pais, entender o porquê de os pais hoje terem uma vida diferente das dos avós, através desse registro, saber que alguém vai ler.

Colaboradora 07: Estou feliz por falar dessa felicidade de ser professora e o orgulho de ter tido essa profissão. Esse trabalho que você está fazendo é interessante, [...] sua tese é real, ela aconteceu mesmo aqui.

Colaboradora 08: Eu estou assim muito orgulhosa mesmo, por você vir aqui e me chamar para participar. Eu espero que essa pesquisa sirva para muita gente conhecer como foi que aconteceu as coisas naquele tempo.

Colaboradora 09: Acho que é sim uma coisa muito importante para nós. Eu fico é feliz de ser lembrada, falar do nosso tempo, porque naquele tempo era bem diferente do que é hoje, eu sempre falo isso!

Colaboradora 10: Na parte que me toca, me sinto honrada e feliz em ter sido lembrada. Sabia que eu fui professora da sua mãe [referência à mãe do pesquisador]? [risos]Essa pesquisa é importante, porque é algo que vai servir para outras gerações. Meus netos e meus bisnetos vão ler e vão saber como eram as coisas antigamente, saber que eu fui professora!

Colaboradora 11: Eu estou felicíssima, ainda mais fazendo essa pesquisa, era uma coisa que eu nem esperava acontecer e estou muito feliz e orgulhosa. Uma pesquisa que fala desse povo, que fala dos professores é uma coisa muito importante, que vai servir para muitas gerações daqui para frente.

Neste sentido, os colaboradores ratificaram, se alegraram e até mesmo se envaideceram com a proposta da pesquisa, dada sua relevância para a sociedade ilhagrandense e para os construtos em História da Educação, com ênfase nos aportes sobre a História da Educação no Piauí.

A partir do trabalho desses docentes, gerações de ripícolas adentraram ao campo da formação escolar, concluíram diversos graus de ensino, chegaram à universidade, fizeram pós-graduação, foram aprovados em concursos em diferentes campos do conhecimento, mudando de vida, transformando sua realidade e a dos seus familiares.

Os povoados de Morros da Mariana, Cal, Tatus, Baixão, Ilha das Batatas, Canto do Igarapé se transformaram porque seus habitantes propiciaram essa transformação, principalmente através da escola, portanto, por meio da prática pedagógica docente dos professores que atuaram nesses locais.

Aprendendo a ler, escrever, compreender, calcular, essas pessoas ampliaram sua condição de cidadãos, aprenderam a ler mais que grafemas e fonemas, foram à luta, buscaram a emancipação política e formaram a cidade de Ilha Grande-PI. Muitos meninos e meninas ribeirinhos que foram alfabetizados e educados por esses professores, quando leigos e/ou formados, se tornaram novos professores, enfermeiros, advogados, engenheiros, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais, fisioterapeutas, técnicos de vários setores – novos trabalhadores que ajudaram a alavancar a economia e a construir a história do novo município.

De 1960 a 1996, tem-se um recorte que pode ser considerado um divisor de águas para os ilhagrandenses, principalmente em relação à educação que, como já afirmado, foi a principal responsável pela mudança de realidade desse povo, uma vez que começou a efetivar-se o projeto de formação dos vazanteiros, possibilitando novas travessias que os levaram além-Ilha e os tornaram sujeitos de sua própria história, cidadãos.

5 PARA NÃO ENCERRAR AS TRAVESSIAS

Sendo esta uma pesquisa que se amparou no viés da História Cultural, mostrou que os estudos que são desenvolvidos nesta perspectiva podem abranger contextos que não são contemplados pela história oficial, mas ainda assim, importantes e passíveis de análise como as trajetórias de professores, a importância e o impacto de suas práticas nos espaços em que ocorreram.

Desenvolvendo essa investigação a partir da metodologia de História Oral, buscou-se na memória de formação de onze colaboradores a oportunidade de interpretar tempos e práticas para se compreender, também, aspectos da própria história piauiense, consciente de que a história não é a ciência do passado, ela permite a indagação, no presente, sobre pretéritos que podem ser reconstituídos e ajudam em reflexões atuais.

As travessias neste estudo possibilitaram compreender que os trajetos percorridos pelos professores ribeirinhos se deram em diversas correntezas, de meninos alfabetizados por professores leigos e eles próprios, também leigos em sua maioria, alfabetizadores de outros vazanteiros. Trabalhadores que, mesmo diante de inúmeras dificuldades, conseguiram estudar, buscaram qualificação, tornando-se professores formados pela Escola Normal e mais ainda, chegaram à universidade.

Foram acometidos por diversas mazelas, sentiram o pesar frente ao desafio de buscar formação longe de casa, foram desbravadores, lutaram pela mudança de si e do outro. São sobreviventes da escola tradicional, dos castigos severos, da relação entre trabalho e estudo, tornaram-se professores de fato e de direito.

As travessias em correntezas neste processo de doutoramento apontam que ser professor, além de desafiador, é uma questão de compreender a boniteza do ser e do tornar-se docente, sem maquiar as duras realidades, entretanto, buscando motivação para desenvolver propostas pedagógicas da melhor forma possível, mesmo que os bons resultados nem sempre sejam obtidos.

Mostrou-se que a experiência de ser professor compreendeu travessias de produção de saberes que se construíram numa relação que envolveu ações entre sujeitos que produziram conhecimento na interação com contextos diversos, buscando o desenvolvimento de práticas que educaram, e ainda educam, nas comunidades de Ilha Grande-PI.

Essas práticas se deram a partir de processos formativos, tornando-se marcas de experiência, enquanto mecanismos de produção de conhecimento. Isso faz, no trato da docência, (re)pensar o fazer pedagógico e perceber, de algum modo, os sinais dos tempos, os modos diversos de fazer educação e de educar pessoas.

A formação e as práticas pedagógicas docentes dos professores ribeirinhos se mostraram verdadeiras travessias em correntezas, uma vez que abrangeram segmentos importantes como ensinar, aprender a ensinar, ensinar e aprender, aprender ensinando, enfrentando o desafio de aplicar métodos de ensino, seguir currículos institucionalizados e, principalmente, mudar de vida e melhorar as condições de sobrevivência nos povoados deltaicos por meio da educação.

O conhecimento sobre o trabalho desenvolvido por esses professores com os moradores desses contextos tradicionais foi uma relevante oportunidade de descortinar um tempo que atecedeu nossos tempos, mas que estabelece relações pertinentes com a educação, trazendo importantes provocações.

Dessa forma, a tese foi ratificada, uma vez que a memória de formação se constituiu como correntezas na experiência social dos docentes de Ilha Grande, na perspectiva de que essa memória é o resultado de uma prática pedagógica docente instituída mediante um processo de significação, ou de resignificação, na vida e na carreira desses professores, culminando em transformações em suas travessias pessoais e profissionais, bem como oportunizando contribuições para a mudança de realidade de várias gerações de moradores ribeirinhos.

Compreende-se, neste ensejo, que o estudo produzido contemplou os objetivos propostos, haja vista que se realizou uma interpretação sobre essa prática como processo de transformação de realidades e de desenvolvimento de aprendizagens, considerando perspectivas de educação.

A pesquisa apontou que a prática desenvolvida por esses docentes influenciou na mudança de aspectos de suas vidas, tornando-se significativa e transformadora, no que diz respeito à experiência social, crescimento profissional e melhoria da qualidade de vida nos povoados do Delta do Rio Parnaíba, nas extensões de Ilha Grande-PI, no final do século XX.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRITO, Itamar de Sousa. **História da Educação no Piauí**. Teresina: ADUFPI, 1996..

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.).(Trad.) Magda Lopes. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Editora da Universidade Estadual Paulista, 2011. p. 07-37.

CATROGA, Fernando. Memória, **História e Historiografia**. Coimbra: 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. (Trad.) Maria de Lourde Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. (Tradução) Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 2007.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano**. Teresina, 1996. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1996.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. Introdução. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Orgs.). **Pesquisa em Educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011. p. 07-24.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: 2005.

NÓVOA, Antonio. Formação de Professores e a Profissão Docente. In: NÓVOA, Antonio. **Os Professores e a sua Formação**. Portugal: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antonio. Do mestre-escola ao professor do ensino primário: subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV-XX). In: **Análise Psicológica**. 1987, v.3, p. 413-440.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lélío Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2002.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. A Primeira Escola Normal do Brasil. In: ARAUJO, J.C.S. FREITAS, A.G.B. e LOPES, A. P.C. (Orgs.). **As Escolas Normais no Brasil: do Império a República**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

VILLELA, Heloísa de O. S. O Mestre-Escola e a Professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. (Trad.) Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Artigo recebido em: 23 mar. 2022. | Artigo aprovado em: 25 abr. 2022.